

Estatueta ithyphallica

Um dos factos mais significativos da intensidade a que chegou a civilização romana é o cunho uniforme que as suas reliquias nos apresentam em toda a superficie do vasto imperio, quer se procurem nas regiões mais proximas do foco irradiador, quer se encontrem nas mais afastadas. Era a Lusitania um dos confins do imperio; as relações com Roma, de character militar a principio, amplificaram-se necessariamente pelo commercio, para o qual era preferivel a via marítima mediterranea, aliás já então muito cruzada, havia longo tempo.

É d'isto prova bem frisante a importancia gradualmente decrescente da influencia civilizadora de Roma ao longo da faixa occidental da Hispania, desde Ossonoba até Bracara, para não sair agora das nossas fronteiras, pois me parece que não póde deixar de se notar certa differença no valor das antiguidades da epoca romana, encontradas ao Sul e ao Norte do país. A architectura, o conforto e luxo das poucas habitações até hoje desaterradas e os achados avulsos attestam, creio eu, a verdade d'esta observação.

A antigualha, cuja figura acompanha este artigo, procede de uma região média; foi encontrada no campo de Bucellas, infelizmente isolada e sem mais companhia. Tão fertil região, porém, não deve ter ficado inhospita á civilização, á vida e ao conforto romano.

O objecto de que se trata nesta noticia é uma pequena estatua de bronze, mutilada, que mede de altura apenas 0^m,091, mas que deve ter tido 0^m,10. A superficie do metal foi em parte alterada pela acção de um ambiente humido, tornando-se rugosa; no resto conserva o brilho proprio da patina que a cobre e que é de côr verde-garrafa.

Representa a estatueta um preto, nu, imberbe, de cabellos calamis-trados, nariz grosso e achatado, labios medianamente espessos, rosto ossudo e forte.

A mutilação privou-o dos dois braços e da perna esquerda pela coxa, mas apesar d'isso póde bem reconhecer-se que o escultor quis representar uma figura em apostura de dança desenvolta e agil. A perna direita está erguida e dobrada em flexão violenta do Joelho, unindo o calcanhar á nadega. O torso, de ousadas linhas, está contorcido e arqueado para deante, produzindo na região lombar profunda curvatura com desarticulada saliencia das ancas; a cabeça levantada e torcida para o lado esquerdo em lasso meneio, com esgares ebrios dos olhos e boca rasgada num *rictus* lascivo; os braços, de que adherem ainda as inserções, deviam erguer-se em redor da cabeça, como que emmoldurando-a em correlação com o movimento geral da figura. O corpo devia

pousar na perna esquerda, apenas tocando o pé no chão, no esforço de um salto agil e rapido. Afora isto, em que o escultor assinalou a sua pericia e educação artistica, o symbolo phallico... como a dar a suprema e decisiva nota da desenvoltura obscena com que o negro tripudia.

Para completar a descrição d'este objecto, é preciso notar ainda que, na região lombar e na linha media do tronco, existe uma pequena perfuração, afunilada, de paredes asperas, que serviu para encaixe de qualquer peça ou appendice.

De onde procede, a que epoca ou civilização pertence e o que representa, são as perguntas que occorrem em presença d'esta curiosa estatueta.

Veremos se é possível responder a todas. Á falta de um museu como o de S^t Germain ou o de Napoles, onde o exame das collecções de estatuas de bronze pudesse simplificar, por claro confronto, a classificação d'esta peça archeologica, vae servir-me de guia principalmente o *Catalogue des bronzes antiques de la bibliothèque nationale*, par E. Babelon et J. A. Blanchet. Paris, 1895.

Em o n.º 1009 descrevem Babelon e Blanchet um escravo ethiopico de bronze, figura em todo o caso de maior encanto, mas que apresenta bastantes e decisivos pontos de analogia com a estatueta de Bucellas.

Como no exemplar do Museu de S^t Germain, o bronze de Bucellas tem os cabellos calamistrados, e a escultura do tronco é tão semelhante nos contornos e no character, que não se pôde duvidar que uma e outra figura, apesar da distancia que separava a Gallia da Lusitania, são obra da mesma arte, da mesma escola e da mesma procedencia. O torso arqueado, o deslocamento das ancas, as pernas estreitas e compridas revelam a extrema flexibilidade dos filhos da raça ethiopica ou nubica. Estes escravos, que Roma ia buscar á sua provincia florescente de Alexandria¹, eram tidos em muito apreço e d'ahi procede sem duvida

¹ O C^{te} Franz de Champigny, na sua bella obra *Les Césars* (3.^a edição, Paris, 1859), escreve as seguintes eloquentes palavras: «Dans Alexandrie, cité hellénique, ce sont les Grecs qui sont citoyens par la naissance; l'Égyptien n'est qu'un étranger....»

Alexandrie est la capitale de l'Orient; la seconde ville du monde, par la richesse et la beauté la première....

Par Alexandrie l'influence grecque triomphait en Egypte; elle faisait oublier à la fois et Rome qui se tenait à part dans sa défiance politique et l'antique esprit égyptien qui disparaissait (pag. 247 e 248).

que os artistas gregos, que trabalhavam para a riqueza patricia, consumiam o seu incomparavel cinzel em modelar o bronze conforme os appetites e fantasias dos seus Mecenas ¹.

No bronze de Bucellas porém faltam uma das pernas e ambos os braços, o que difficulta, mas não impossibilita, a completa intelligencia d'esta estatua. Que nas mãos o escravo empunhava, como o da Bibliotheca de Paris, um instrumento musico, ao som do qual executava uma dança violenta e libidinosa, em que ás contorsões e meneios do corpo correspondia a desordem ebria das feições, leva-me a conjecturá-lo o exame d'esta interessante estatua. Qual fosse elle, *tympanum*, *cymbalum* ou *crotalum*, ou simples *crepitus digitorum*, é o que me parece impossivel determinar.

Mas ha na estatua um sinal inconfundivel que lhe sella, por assim dizer, a interpretação. É o monstruoso *phallus*, que a nós, filhos de civilização mais perfeita e completa, nos irrita a sensibilidade moral pela sua provocadora nudez, mas que na civilização de Roma, de Athenas, constituia o symbolo venerado da geração, um attributo inseparavel no culto de Dionysos ², muitas vezes representado com o aspecto de Hermes ithyphallico.

Trata-se pois de uma dança orgiastica que o escravo executava em honra de um Deus como Baccho, cujo *thiasus* era concorrido pelos

¹ Estes gregos não trabalhavam só em Alexandria, como tambem nas cidades italicas.

Em Pompeios e Herculanium tem-se encontrado das mãos eximias d'estes artistas verdadeiras maravilhas, que hoje enriquecem o Museu de Napoles. Eram em 1901 (*Nuova Guida Generale del Museo Nazionale di Napoli*, per Domenico Monaco, 9.ª ediz. 1901, pag. 121) 14:630 os objectos provenientes das escavações principalmente d'aquellas duas cidades, nas quaes o sentimento da fórma e a concepção do bello causam hoje admiração universal. Alguns tem assinatura o que lhes realça o valor e affirma a procedencia. (Vid. *ibid.*, pag. 70, n.º 4885). Vid. tambem a 4.ª edição, trad. por Ed. Montagne (Napoles 1884), pag. 155. Da abundancia de esculpturas de escravos dá testemunho a collecção do referido museu parisiense, onde os bronzes n.ºs 1009 a 1025 pertenciam em 1835 a este genero.

² É bem conhecida a popularidade, se assim posso dizer, do emblema phallico na Roma do imperio sobretudo, dizem os auctores, depois que os cultos orientaes se derramaram no seio da civilização italiana. Não só recebia culto proprio em torpes phallophorias celebradas no templo e nas festas de Baccho e de Ceres, mas tinha o valor de verdadeiro amuleto, e de *ex-voto* muitas vezes (vid. *Dictionnaire des antiquités romaines*, par Saglio et Daremberg, s. v. Bacchus; *Les Césars*, III, pag. 87 a 97; Babelon & Blanchet, *ob. cit.*, pag. 468, n.º 1105 e 1106; e *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo I, 70.

satyros, pelos bacchantes, pelos pygmeus, pelos centauros, de roldão com as menadas, com Pan, com Sileno¹ e com Priapo.

Estas estatuetas, assim caracterizadas, appellidaram-se ithyphallicas, e, se no Museu de Napoles constituem uma collecção á parte, *oggetti osceni* (*Guide Général*, 4.^a ed., pag. 122), no de S^t Germain tambem formam um grupo digno de estudo, o que documenta a larga vulgarização dos emblemas d'esta especie.

Na referida obra de Babelon & Blanchet, encontram-se algumas figuras phallicas², e entre ellas uma figura com rosto de africano (n.º 511); todas representam personagens mais ou menos directamente apaniguadas de Baccho.

No exemplar que estou estudando existe, a meio da região lombar da estatueta, um pequeno orificio afunilado cujo diametro é de 0^m,005. Esta cavidade não é casual; occupa a linha media do dorso. Poderia pensar-se, attento o innegavel character bacchico da figura, que fosse o vestigio da inserção do appendice caudal de um satyro; contra esta hypothese porém ha um obice. Faltam á cabeça, aliás expressiva, do *ethiope* orelhas equinas, attributo necessario de um satyro. Privilegio menos essencial d'estas mythicas personagens era serem hippopodes, mas o bacchico bronze de Bucellas ao menos possue . . . um pé de gente. Temos pois que aquelle orificio serviria para encaixe de algum perno ou parafuso, insufficiente, é certo, mas conveniente numa figura que apenas tocaria a sua base ou plintho por um ponto³.

O que é indubitavel é que o bronze de Bucellas representa uma figura bacchica que serviria de adôrno, quem sabe, a um vaso artistico, a um lampadario ou a alguma alfaia do culto de Baccho, figura que por singular coincidencia surge no meio do torrão que mais grato

¹ Vid. *Dictionnaire des antiquités romaines*, par Saglio et Daremberg, s. v. Bacchus. Aqui se vê que as danças orgiasticas eram acompanhadas de varios instrumentos, como flautas, syringes, timbales, tympanos e campainhas, etc. Na obra de Babelon & Blanchet, o n.º 511 é um pygmeu ithyphallico da raça ethiopicca, que ergue na destra uma vaqueta ou *plectrum* com que percute um *tympanum*. É possivel que seja o caso do bronze de Bucellas. Vid. em Cantu, *Historia Universal*, II, 83 (tradução de B. B.) a descripção de uma procissão bacchica em Alexandria.

² Ainda, segundo o catalogo d'estes AA., vêem-se em S^t Germain os seguintes bronzes ithyphallicos: n.ºs 251, 420, 499 a 504, 511 e 512, etc.

³ Babelon & Blanchet no n.º 1040 dizem que uma garra e orificios de encaixe indicam tratar-se de ornatos de algum movel (carro ou throno). São copiosos tambem os exemplares para applicar a uma superficie, como ornamento oco (*demi rondebosse*). Vid. n.ºs 1981 e 1982.

devia ser ao paladar dos romanos devotos de um claro Baccho da Lusitania¹.

Quanto á proveniencia d'esta interessante estatua, parece-me que a podemos considerar, como Babelon & Blanchet consideram o n.º 1009 e 1010 do seu *Catalogue*, trabalho alexandrino. Só porém uma visita a um museu, como o de S^t Germain ou de Napoles, poderia robustecer qualquer opinião.

Reinach (*Antiquités nationales*, pag. 14) entende tambem, a proposito das numerosas figuras de pretos espalhadas pela Gallia, que a sua procedencia alexandrina está perfeitamente comprovada, pois que se descobriu na propria Alexandria uma *replica* das estatuetas de negro achadas em *Châlons-sur-Saone* e em *Reims*.

Desde o primeiro seculo da era christã que na Italia dominou a arte greco-egypciaca², mas segundo Martha teria sido no seculo II que adquiriu maior predominio a influencia oriental, quer no campo religioso, quer no artistico³. Estes productos de uma arte exotica, alimentada pelo luxo romano, entravam na Lusitania pelo commercio maritimo, e é essa certamente a procedencia da figura bacchica de Bucellas que poderá pois attribuir-se ao seculo II.

Eis o que me foi possivel averiguar acêrca dos meritos d'esta estatueta, desajudado das facilidades que importaria o estudo comparativo realizado á vista de collecções de bronzes antigos, que totalmente faltam no nosso país.

N. B. Esta antigualha pertence ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Balthasar Osorio, illustre Lente da Escola Polytechnica de Lisboa.

Novembro de 1903.

F. ALVES PEREIRA.

¹ Citarei ainda de Babelon & Blanchet os n.ºs 1981 e 1982, que são figuras de bacchantes a dançarem com movimentos desordenados de pernas e braços. Numa d'estas a flexão de um dos membros inferiores é inteiramente semelhante á que apresenta a estatueta de Bucellas. Apesar de não serem acompanhadas de nenhum attributo proprio, Babelon & Blanchet capitulam-nas de bacchantes, só em attenção á postura orgiastica. Com igual segurança se pôde classificar o bronze de Bucellas.

² Vid. Reinach, *Antiquités nationales*, pag. 10 e 14. O caracter da arte egypciaca consiste na reprodução dos typos ethnicos, especialmente na caricatura. É o que succede com as estatuas que os artistas alexandrinos cinzelavam para Roma. A arte de Pompeios e Herculano era tambem greco-egypciaca (vid. Boissier, *Promenades archéologiques*, pag. 318).

³ Vid. Jules Martha, *Archéologie étrusque et romaine*; C^{te} Franz de Champigny, *Les Césars*, III, pag. 59, 87 a 97 e 234. Lorsque payaient Lucullus, Cesar Agrippa, on faisait le Panthéon; lorsque paie un Pallas ou une Messaline, ou fait les obscènes colifichets de Pompei (pag. 234).

